

## **Impacto da perda do Brasil e da frota naval portuguesa na identidade marítima portuguesa**

Danny Rangel

Nas ciências sociais a noção importante de identidade divide-se, pela sua complexidade, em muitos tipos de abordagem, sendo a que nos interessa aqui aquela em que estuda o indivíduo dentro do seu espaço social. Mais especificamente o contexto social português que comporta essa ideia de vocação marítima, percebendo de onde veio, quando e quando começou a deteriorar-se ou modificar-se do que já foi esse sentimento durante a existência do império transoceânico. Isto significa que os indivíduos que partilhem elementos que os aproximem (como o caso de uma nação, império, modo de vida, etc.) tenham “identidades partilhadas”, que podemos facilmente perceber como “identidades nacionais.” A realidade identitária do império português sustentava-se, desde há muito, num factor relevante para este estudo: a sua economia. Eram as redes de mercadores e de navios de comércio pelo Atlântico que faziam com que os territórios estivessem permanentemente ligados, mais do que o poder militar, expansionista ou outros factores culturais.

Quando o reino perde o Brasil, fruto das invasões francesas e do avançar da economia mundial; quando perde a sua frota naval no meio de uma guerra, uma invasão e uma troca de capital do reino numa reversão de papéis entre metrópole e colónia; quando não consegue recuperar da mudança extrema do sistema internacional, é obrigado a mudar a sua identidade, a reflectir sobre a sua vocação marítima e focar-se para o seu território continental, indubitavelmente europeiza-se, mesmo que sem perder nunca, mesmo no momento actual, o ideia de importancia simbólica e histórica dos domínios ultramarinos. Como é que um país que se definiu como marítimo, que focava uma grande parte da sua identidade como sendo um império com várias áreas de influência, que tinha um papel importante na Europa como intermédio de produtos coloniais em abundância, uma praça comercial importante e com uma centralidade política virada para o ultramar, para fora da fronteira nacional, como é que este tentou reformular a sua identidade nacional para ser Europeu invés de Atlântico (maioritariamente nas suas opções comerciais mas de forma global)? Qual o impacto deste processo de mudança na identidade marítima de Portugal?

Para chegar a estas conclusões aprofundo o conhecimento de história económica, que influência a identidade histórica e nacional, analisando com cuidado as Balanças de Comércio descritas nos livros de Comércio Externo e Navegação Marítima, mas também no livro de Comércio e Navegação: Estatística Especial (ambos na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra), nos anos de 1893-1897; Balanças Gerais do Comércio do reino de Portugal com os seus domínios e nações estrangeiras de 1801 a 1822 (Biblioteca do Instituto Nacional de Estatística e Arquivo do Ministério das Obras Públicas), Livros do Marco dos Navios, nº 1 a 130. (Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa) e Junta do Comércio, Maços 308 a 316 (Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo).